

PROGRAMAS PÚBLICOS

4 de março de 2023, às 17h

Performance de Hwati Masimba em colaboração com Yaw Tembe

14 de abril de 2023, às 18h

Performance de Rita GT

GALERIA AVENIDA DA ÍNDIA

04.03–14.05.2023

Black Skin, White Masks: The Black Body in Presence

direção artística do projeto de Nuno Silas
curadoria de Nuno Silas e Titos Pelembe

Buhlebezwe Siwani
Hwati Masimba
Rita GT
Valete

GALERIAS MUNICIPAIS – GALERIA AVENIDA DA ÍNDIA
Avenida da Índia 170, 1300-299 Lisboa

Todos os dias 10h-13h e 14h-18h
Entrada Livre

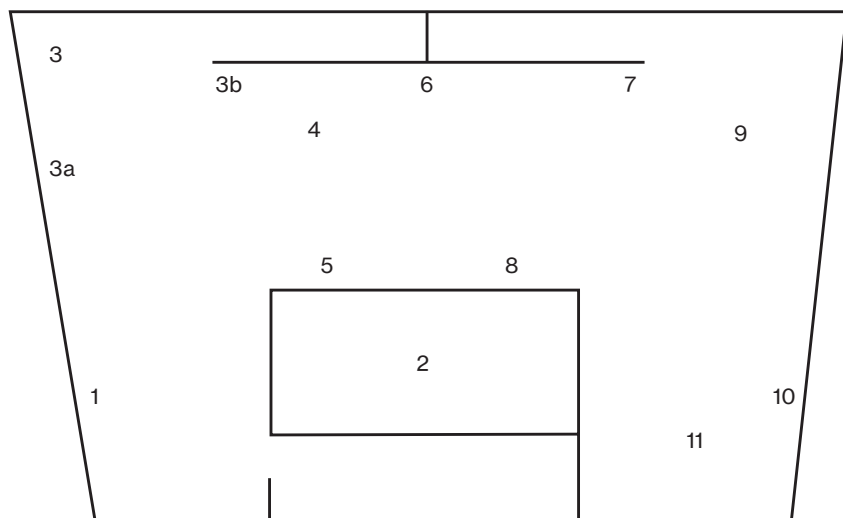
Visitas guiadas por marcação
mediacao@galeriasmunicipais.pt

www.galeriasmunicipais.pt



- 1
BUHLEBEZWE SIWANI
Inkanyamba, 2021
Sabão, pigmento e resina sobre tela,
140 × 350 cm
Cortesia da artista e Galeria Madragoa,
Lisboa
- 2
BUHLEBEZWE SIWANI
Eziko, 2018
Vídeo digital 4K, 6'27"
Cortesia da artista e Galeria Madragoa,
Lisboa
- 3
VALETE
Rua do poço dos Negros, 2020
Vinil, vídeo, 3'44"
Cortesia do artista
- 3a
Rua do Poço dos Negros e
Travessa dos Poiais, 1908-05
PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/
FAN/000860
Cortesia do Arquivo Municipal de Lisboa
- 3b
Rua do Poço dos Negros, 1908-05
PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/003/
FAN/002139
Cortesia do Arquivo Municipal de Lisboa
- 4
BUHLEBEZWE SIWANI
Zanobungwele, 2022
Sabão e esferovite, 160,5 × 53,1 × 47,1 cm
Cortesia da artista e Galeria Madragoa,
Lisboa
- 5
BUHLEBEZWE SIWANI
Inkanyamba, 2021
Sabão, pigmento e resina sobre tela,
140 × 350 cm
Cortesia da artista e Galeria Madragoa,
Lisboa
- 6
RITA GT
Na Casa do Soba, 2017
Fotografia a cores sobre papel, 76 × 101 cm
(cada)
Cortesia da artista
- 7
BUHLEBEZWE SIWANI
Bageze ngobisi 8, 2022
Impressão sobre papel baryta, 150 × 225 cm
Cortesia da artista e Galeria Madragoa,
Lisboa
- 8
BUHLEBEZWE SIWANI
Zanenkosi, 2022
Sabão e esferovite, 89,2 × 89,7 × 63,8 cm
Cortesia da artista e Galeria Madragoa,
Lisboa
- 9
RITA GT
Oyinbo, 2017
Madeira, flanela, vídeo, 3'10",
300 × 350 × 270 cm
Cortesia da artista
- 10
HWATI MASIMBA
Urban Totems 7, 2017
Vinil, 230 x 300 cm
Cortesia do artista
- 11
HWATI MASIMBA
Kufufunyuka, 2022
Impressão sobre telão, Dimensões variáveis
Cortesia do artista

explorando igualmente a questão do espaço, tempo, o conceito de arquivo em relação ao corpo, a escultura e a sua coreografia espacial. Por outro lado, a performance é colocada no centro da mesma, enquanto força matriz que anuncia o devir de uma nova perspectiva de vida em prol da equidade e justiça global, partindo da questão traumática ligada à miscigenação cultural, à (in)visibilidade, ao silenciamento sistemático dos corpos e agentes negros em diferentes domínios sociais, tendo como marco a luta pela afirmação e liberdade travada na década de 1960.



“Black Skin, White Masks: The Black Body in Presence” é uma exposição performativa, que tem como referência a proposta de Frantz Fanon desenvolvida no livro “Pele Negra, Máscaras Brancas”. A exposição integra trabalhos multidisciplinares de música, som, vídeo, instalação, fotografia e performance de artistas estabelecidos em Portugal e no contexto internacional. Buhlebezwe Siwani, Hwati Masimba, Rita GT e Valete exploram temáticas centradas nas questões de identidade, género, violência, espiritualidade, racismo quotidiano e temas sociais, onde o corpo é o lugar produtor de sentido(s). Esta exposição apresenta ideias e experiências subjetivas, comprometidas com o pensamento contemporâneo e o discurso decolonial, sendo composta por diferentes projetos artísticos e apresentando obras já realizadas, algumas das quais foram recriadas para o espaço expositivo.

Um dos maiores desafios dos curadores nesta mostra foi repensar a curadoria da arte da performance como exercício decolonial, experimental e de liberdade. No momento presente – o século XXI –, o debate sobre o racismo em diferentes domínios na sociedade portuguesa, assim como no contexto internacional, incluindo as ex-colónias, mostra-se urgente. Neste sentido, os trabalhos desenvolvidos pelos artistas em questão apontam para uma ligação a movimentos da identidade negra e à “black performance art”, em sintonia com as manifestações artísticas contemporâneas. O corpo, os fluxos de energia, a intensidade, a ação de exorcizar, o invisível, o intangível, o som, os rastros, as condições xamânicas, as ações “Ubuntu” são materiais recorrentes que regressam em forma de eco, ou em forma de escultura, ruído... mais do que conceitos são materiais trabalhados pelos artistas ao longo destes anos.

Valete junta-se aos demais artistas da música popular e interventiva “Hip Hop”, como exemplo do rapper moçambicano Azagaia, entre outros. Em 19 de novembro de 2020, o músico Valete lançou um single com o título “Rua do poço dos Negros”, num momento particularmente marcado pela eclosão global da pandemia Covid 19, uma ameaça para a existência humana, mas também para o capitalismo. A música expõe as assimetrias de poder e dominações de ordem económica, social e cultural que têm vindo a acentuar ou a exponenciar os processos

de produção de desigualdades socioespaciais já existentes nas sociedades capitalistas e individualistas.

O trabalho de Valete anuncia e representa as vozes de resistência e os direitos das minorias. “A Rua do Poço dos Negros”, em exposição, proclama: “Eu sou Preto como Jesus (...). Diz-me, quantos George Floyds já tivemos em Portugal? O nosso povo ainda está na cruz (...)”. O músico explora metamorficamente diversas expressões que corporizam a letra da música supracitada, expondo diversas situações que ocorrem quotidianamente e que constituem o dilema das sociedades contemporâneas ainda assentes na matriz da hegemonia colonial. Nesta mostra, a questão da representação e o questionamento do simbolismo do poder colonial das sociedades ocidentais, e não só, é expresso através do processo artístico onde o corpo se assume como disseminador dessas energias. No mesmo espaço temporal, a artista visual e performer Rita GT explora, nas suas obras, a figura feminina de origem portuguesa que recorrentemente surge enquadrada no primeiro plano das imagens fotográficas que compõem a série “Na Casa do Soba” (2017), examinando a condição da mulher e do corpo caucasiano no contexto africano, questionando o lugar de privilégio e de poder.

A performance “Ayinbo” é uma tentativa de cura e reparação da própria história. No vídeo-performance filmado na Nigéria, em Makoko, a artista visitou as comunidades Egun, Ilaje, Ijaw e Yoruba, que residem em construções de madeira e outros materiais de baixo custo, construídas sobre palafitas ao longo das margens da lagoa. A instalação procura recriar o cenário do ambiente arquitetónico dos assentamentos informais que caracterizam essas comunidades. Os megafones salientes na obra da artista Rita GT em alusão, por sua vez, simbolizam a necessidade de ampliar no horizonte as vozes silenciadas e romper com o silêncio por meio do poder de cura que as plantas medicinais africanas oferecem. Deste modo, na performance, o corpo “branco” também abre espaço para a discussão do crime colonial. No mesmo momento, a artista sul-africana Buhlebezwe Siwani explora temas como a fragilidade e o feminismo africano. O poder do mesmo corpo é evocado pela escultura de sabão que também aborda questões como a fecundação e purificação. A partir

do corpo feminino, a artista Siwani expõe as suas experiências no contexto da África do Sul, questionando o autoritarismo patriarcal e as formas ligadas à espiritualidade, o ritualismo africano e a história do Apartheid, ainda presente na contemporaneidade.

Por sua vez, o artista zimbabweano Hwati Masimba incorpora, nas suas instalações, a performance, sonoridade e storytelling, impressão digital e objetos musicais. O trabalho artístico e de pesquisa de Masimba explora sistemas de conhecimento ancestral e indígena e o modo como estes sistemas continuam presentes no nosso dia -a -dia. O projeto “Kufufunyuka” faz parte de uma série de obras ativadas pelo artista nos últimos anos, abordando as relações humanas e a complexidade das lutas, bem como as experiências pessoais e culturais do artista ligadas a um contexto universal mais alargado. Os utensílios, instrumentos de combate e musicais, incluindo os típicos adornos africanos, aludem à bravura da personagem representada. O conjunto de retratos designados “Urban Totems” explora a mediatização da vida contemporânea e o consumismo acelerado pelas plataformas digitais que funcionam como pequenos e amplos mundos reservados, de um novo espaço público.

Contudo, esta exposição visa também examinar a documentação e as diferentes transformações sociopolíticas e económicas que atravessam as práticas artísticas globais, focando-se especialmente no contexto dos artistas convidados, nos movimentos revolucionários e no processo de afirmação da negritude, incluindo as relações de interdependência que foram sendo estabelecidas ao longo do tempo com as restantes disciplinas como a literatura, o cinema, o teatro, entre outras. A delimitação cronológica, em 1935, marca a inauguração do discurso da Negritude, o momento da construção da crítica sobre o colonialismo, o racismo em França e nos países africanos, numa reivindicação da identidade, da História e das culturas africanas. Esta exposição revela apontamentos da história da arte da performance desde o início do século XX, entre outras manifestações, enquanto rico arco do quadro curatorial nas práticas arte da performance e da sua ecologia.

Igualmente a exposição abre espaço de discussão em torno dos problemas práticos e teóricos da curadoria da arte da performance,